

## O HOMICÍDIO DAS JOVENS NA PERIFERIA DE SALVADOR, BAHIA

*Ferreira Santos, José Eduardo<sup>1</sup>*

*Bastos, Ana Cecília de Sousa<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo analisa a violência contra as jovens da periferia de Salvador, Bahia, tomando como referência o caso de jovens que foram assassinadas por pertencer à rede de relacionamento de outros jovens inseridos em trajetórias de marginalidade. O estudo etnográfico realizado reconstitui, através de entrevistas e grupos focais, as trajetórias de desenvolvimento, as formas de violência perpetradas contra as jovens, dentre elas o homicídio e aquelas praticadas no âmbito das relações afetivas. As conclusões apontam para um processo de marginalização das jovens que se configura nos moldes de um continuum, culminando com o óbito, o qual não se apresenta como um evento isolado.

**Palavras-chave:** Homicídio. Jovens meninas. Violência. Gênero. Salvador. Bahia.

**Abstract:** The present article analyses the violence against the young girls of the periphery of Salvador, Bahia, taking as reference the case of young girls murdered for belonging to the relationship group of the other young people inserted in marginality trajectories. The realized ethnographic study reconstitutes, through interviews and focal groups, the developmental trajectories, the modalities of violence perpetrated against the young girls, including the homicide and that violence practiced in the context of affective relationships. The final discussion indicates a process of marginalization which is set up as a continuum. Death is not an isolate event, but the end point in a process.

**Key words:** Homicide. Girls. Violence. Gender. Salvador. Bahia.

---

1 Doutor em Saúde Pública. Professor da Camargo Gestão Educacional, pós – Doutorando em Cultura Contemporânea (PACC – UFRJ). Endereço para correspondência: Rua Nova Esperança, 34 – E. Plataforma, Salvador, Bahia. CEP 40490-082. ferreirasantosenator@gmail.com. O presente artigo faz parte da tese de doutorado em Saúde Pública do 1º autor, orientado pela 2ª autora.

2Doutora em Psicologia (UNB), tendo realizado estágio Pós- Doutoral na Clark University. Professora do Departamento de Psicologia da UFBA e Professora do Mestrado e Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL).  
acecil@ufba.br

## **Introdução**

Este artigo mostra como ocorrem as situações de violência envolvendo jovens do sexo feminino habitantes da periferia de Salvador. Partindo de um estudo etnográfico sobre repercussões do homicídio entre jovens da referida área, identificamos que a violência – e em particular, o homicídio das jovens - é um problema pouco divulgado, apesar de recorrente.

No Brasil, estudos recentes começam a apontar o envolvimento de mulheres no tráfico de drogas (Bill e Athayde, 2007), embora o homicídio não tenha sido exaustivamente estudado. Buscando contribuir para preencher esta lacuna, procuramos reconstituir as trajetórias de desenvolvimento das jovens cujo homicídio resultou do envolvimento com jovens inseridos na marginalidade.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada neste estudo foi a etnografia (Oliveira, 2000; Laplantine, 2000, 2005), com procedimentos metodológicos orientados por uma perspectiva de levantamento das trajetórias de desenvolvimento das jovens, assim como as situações de violência que as vitimam.

Foram realizados grupos focais, denominados de Pombo Sujo, devido à violência sofrida por um dos participantes, com jovens da periferia de Salvador e entrevistas individuais (GASKELL, 2003), de onde foram extraídos os dados que compõem este estudo. Através de depoimentos, procuramos identificar tais situações de violência.

Este estudo qualitativo sintetiza um trabalho realizado ao longo de mais de uma década, em pleno século XXI, na periferia da cidade de Salvador. Por etnografia entendemos essa perspectiva de pesquisa de um contexto social ao longo do tempo, sistemático, sem perder a capacidade de estranhamento e espanto diante dele, identificando fenômenos construídos cotidianamente, assim como a capacidade de olhar, descrever e analisar o contexto e suas dinâmicas (JACOBSON, 1991; LAPLANTINE, 2000, 2005; GHASARIAN, 2004, BOUMARD, 1999).

A etnografia é o encontro de vozes e olhares múltiplos sobre um fenômeno. Não fossem as pessoas que acompanharam esta pesquisa em todo o seu percurso (construção do projeto, discussão dos dados em grupos de discussão, companhia nas idas a campo, esclarecimento de termos e histórias, descrição de trajetórias etc.) os pesquisadores não suportariam tanta realidade e tanta dor: essas fronteiras da dor irrompida com a violência que muitas vezes não vemos ou sequer podemos ver, não fosse a imersão nesse contexto onde ela é produzida e as sugestões e outros olhares que guiaram os nossos olhares.

Segundo BOUMARD (1999, p.1) a etnografia

pode ser considerada como um método, no sentido de técnica de trabalho. Centralizada sobre a noção de observação participativa, ela insiste sobre as técnicas de trabalho de campo, as práticas de observação, o diálogo etnográfico como dispositivo, as técnicas de inquérito em geral, levando a recortes com as histórias de vida ou algumas formas de pesquisa-ação.

Mas se etnografia é a linha mestra da metodologia aqui adotada, faz-se necessário realizar aqui uma descrição das ferramentas, das técnicas utilizadas para produzir o banco de dados que disponho.

### **Delimitação do corpus de análise**

O corpus de análise desta pesquisa se constitui de um conjunto de dados que surgem de uma relação direta do pesquisador com a realidade contextual da juventude aqui estudada. Tais dados se situam no campo de intervenções, através do diálogo, sistematizados através de textos etnográficos construídos da trajetória de pesquisa que venho realizando na referida área.

Assim, o corpus de análise é composto de entrevistas, textos etnográficos, centrados, particularmente, sobre a violência contextual. A seguir, descrevemos em que consiste esse material, sistematizado nos Quadros 1 e 2:

#### **Quadro 1: Entrevistas e observações de campo**

<b>1995:</b> Entrevistas com jovens de um projeto social.
<b>1996:</b> Descrição etnográfica das mudanças contextuais de um bairro da periferia da cidade de Salvador.
<b>2002:</b> Entrevistas com jovens sobre o consumo de armas.
<b>2006:</b> Entrevistas sobre as repercussões do homicídio entre jovens.
<b>2007-2008:</b> Análise e interpretação dos dados obtidos.

Em relação às técnicas utilizadas, aos sujeitos e ao contexto os dados se organizam do seguinte modo:

#### **Quadro 2: Métodos, técnicas, sujeitos, localidade, dados obtidos e material de análise**

<b>Método e técnicas</b>	<b>Sujeitos/ localidade</b>	<b>Dados obtidos</b>	<b>Material de análise</b>
Etnografia Observação participante	Jovens, famílias e favela	Textos etnográficos, diários e cadernos de campo.	Descrição do contexto, repercussões do homicídio no bairro, nas famílias e nos jovens, trajetórias
Entrevistas individuais	Jovens	Quinze (15) Entrevistas individuais.	Trajetórias, histórias de jovens que foram assassinados, repercussões do homicídio.
Grupos focais, entrevistas grupais	Jovens	Páginas de análise, entrevistas grupais com vinte e um (21) participantes.	Trajetórias, histórias de jovens que foram assassinados, repercussões do homicídio.

Para encontrar os jovens em seus contextos de desenvolvimento foram utilizadas diferentes técnicas e ferramentas metodológicas de pesquisa que valorizaram a escuta e a descoberta do cotidiano, dentre elas 1) entrevistas individuais, 2) entrevistas grupais ou grupos focais, aqui denominadas Pombo Sujo, assim como a 3) observação participante.

A perspectiva etnográfica aqui adotada compreendeu dois momentos específicos: o primeiro, localizado em entrevistas grupais e o segundo, em entrevistas individuais, entendendo que as entrevistas grupais foram realizadas em um primeiro momento para “orientar o pesquisador para um campo de investigação e para a linguagem local e observar os processos de consenso e divergência [e as entrevistas individuais, buscando] explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo” (GASKELL, 2002, p.78).

GASKELL (2002), afirma que o uso da entrevista, enquanto técnica qualitativa, de pesquisa, permite a

compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição sine qua non da entrevista qualitativa. Tal compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos na pesquisa. Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma “descrição detalhada” de um meio social específico; pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica. Além dos objetivos amplos da descrição, do desenvolvimento conceptual e do teste de conceitos, a entrevista qualitativa pode desempenhar um papel vital na combinação com outros métodos (...) (pp. 65-6).

Dentre os procedimentos metodológicos utilizados para a realização das entrevistas, constaram tópicos-guia, aplicados no primeiro momento, nas entrevistas grupais, e, posteriormente, adaptadas para uma melhor compreensão por parte dos sujeitos nas entrevistas individuais, valorizando o espaço da interlocução com os informantes, de modo que puderam desvelar o seu contexto de desenvolvimento.

As entrevistas individuais foram momentos onde identificou-se questões que envolvem as dinâmicas de desenvolvimento dos jovens e são utilizadas “quando o objetivo da pesquisa é para explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo e se refere a experiências individuais detalhadas, escolhas e biografias pessoais” (GASKELL, 2002, p. 78).

O início das entrevistas grupais se deu após a emergência de dois fatos: a morte de um jovem que participou de projetos sociais, assassinado por jovens armados e o lançamento do livro *Falcão, os meninos do tráfico*, de MV Bill e Celso Athayde (2006), através do qual os jovens ficaram muito provocados e começaram a comentar suas impressões. Diante desta descoberta compramos dois exemplares do

livro e entregamos a eles para que fossem lidos por cada jovem durante uma semana, numa intensa rotatividade. Partindo deste livro propusemos uma série de encontros, que academicamente podem ser chamados de grupos focais, onde realizamos as primeiras entrevistas grupais.

O grupo de discussão, referentes a temas ligados à juventude, violência, encontros e pertença, no entanto, foi nomeado por nós de Pombo Sujo, uma denominação depreciativa que um policial utilizou durante a abordagem a um dos jovens presentes no grupo.

Essa iniciativa possibilitou discussões sobre a situação da juventude da periferia, as situações de violência, os contextos e suas dinâmicas de desenvolvimento.

**Quadro 3: Procedimentos metodológicos do Pombo sujo**

<p>Confecção e distribuição de convites.                  Leitura e assinatura do termo de consentimento informado                  Apresentação do tópico guia da discussão.                  Verbalização dos jovens, relatando experiências.                  Registro do encontro.                  Discussão.</p>
--

Os jovens foram selecionados a partir de critérios como a faixa etária, de 18 a 24 anos, serem de ambos os sexos, afro-descendentes e moradores da periferia de Salvador, Bahia.

**Tabela 1: Jovens entrevistados e participantes dos grupos focais durante a pesquisa**

Dados	Sexo masculino	Sexo feminino	Idade	Total
Entrevistas individuais	8	7	18 – 24	15
Grupos focais, Pombo Sujo	19	2	18 – 24	21

A participação dos informantes foi viabilizada mediante assinatura do termo de consentimento informado, resguardando a identidade dos participantes, dentro dos procedimentos vigentes da ética na pesquisa. O termo descreve os objetivos, a metodologia e os procedimentos da pesquisa.

A análise dos dados foi realizada a partir da organização do material coletado, enfocando aspectos que convergem ou apontam discrepâncias sobre as dinâmicas de desenvolvimento da juventude da periferia, os processos psicossociais das repercussões do homicídio entre jovens, analisados sob a forma de estudo de casos e estabelecimento de trajetórias e o continuum de marginalização de jovens inseridos no tráfico de drogas e as relações das jovens com estes.

Neste sentido, a abordagem de análise temática seguiu uma estrutura que se baseia no olhar antropológico proposto por OLIVEIRA (2000) e LAPLANTINE (2005), em que o trabalho do antropólogo está ligado ao olhar, ouvir, escrever, em

constantes idas e vindas do registro etnográfico e da análise na elaboração do texto etnográfico (MARCUS e CUSHMAN, 2003).

A partir da constituição do corpus textual, onde foram agrupados os dados das entrevistas individuais, grupais e dos textos etnográficos foi realizada a análise temática, na perspectiva proposta por GASKELL (2002, p. 84).

Diante do material produzido, foram utilizados diversos procedimentos de análise, como: transcrição, procura por temas, leitura e re-leitura, interpretação, representações centrais e periféricas disseminadas dentro de um meio social, conforme é indicado no quadro abaixo.

**Quadro 4: Procedimentos de análise, material e categorias**

<b>Procedimentos de análise</b>	<b>Material</b>	<b>Categorias/ codificações</b>
Transcrição de boa qualidade, que inclui todas as palavras faladas.	Entrevistas individuais.	Trajetórias e continuum de marginalidade.
Imersão do próprio pesquisador no corpus do texto.	Entrevistas grupais.	Homicídio entre jovens.
Procura por temas com conteúdos comuns e pelas funções destes temas.	Grupos focais.	Repercussões do homicídio nos jovens, na família e na periferia. Desterro. Desterro internalizado. O vingador.
No processo de ler e reler, as técnicas tradicionais empregadas, em geral com um lápis ou recursos simples (canetas que realcem o texto), incluem: marcar e realçar, acrescentando notas e comentários ao texto. É o trabalho do pesquisador, particularmente e melhor com as entrevistas realizadas por ele próprio.	Registros de diários e cadernos de campo.	Estigmatização.
À medida que a interpretação vai se processando, retorno ao material bruto, tanto para as transcrições quanto para as gravações. Podem surgir novos significados e os dados podem reforçar a análise. As interpretações devem estar enraizadas nas próprias entrevistas, e o		Violência. Inversão da sociabilidade.

corpus deve fazer parte da justificativa das conclusões.		
Procura de sentidos e compreensão.		Genealogia do homicídio.
Procura de representações centrais e periféricas, onde as primeiras estão disseminadas dentro de um meio social.		Descrição etnográfica do contexto.

## O homicídio das jovens: a violência no âmbito afetivo-relacional

Uma contribuição deste estudo está na descoberta de que a violência atinge as jovens de forma mais específica, relacionadas aos aspectos afetivos e do envolvimento com o tráfico de drogas. Elas são vítimas de agressões e mortes, o que mostra que a violência relacionada ao tráfico não está restrita ao universo masculino.

De acordo com o depoimento deste jovem podemos identificar as formas de violência às quais as jovens estão expostas:

Tem muita jovem que sofre. Tem umas que já sofreu estupro (sic) aqui. S. mesmo já foi estuprada (sic) duas vezes e já tentaram de novo e não conseguiu. Hoje em dia, a maioria das meninas tudo grávida, as meninas novas, de 15, 14 anos, tudo engravidando, não pensam muito na vida. As jovens sofrem mais violência porque elas hoje em dia só quer usar aquelas roupas curtinhas, e aí os cara fica tudo muito doido, usando drogas, fumando maconha, cheirando cocaína, aí fica tudo muito doido. Quando eles tão são elas passa tudo de shortinho e eles tá ali, na hora que eles cheira, fuma, aí elas vai passar de noite com aquele shortinho, eles dá psiu elas não liga, eles vão lá estupram, batem, às vezes até matam, o então é ameaçada “ói, eu vou lhe matar se você disser que eu lhe estuprei. Eu te mato”. E ela não conta nada com medo. As jovens sofrem, mas os jovens que sofre mais é porque anda num meio errado, assim...porque vê, quer dizer, eu tenho um amigo ele tá ali todo arrumado, com roupa de marca, aí eu, “p., véio, o cara só anda todo arrumado, cheio de marca e eu só ando assim...”, mas é porque ele não sabe o que é o dinheiro suado. O dinheiro dele entra fácil, aí vai muitos que vê o amigo assim ficar todo cheio de marca e diz: “é, vou entrar também no tráfico”, aí vai e entra, fica traficando, aí acaba morrendo de dívida de droga ou então é “olho grosso” na “boca” do outro e um acaba matando o outro (G.S.C, 20 anos, sexo masculino).

A violência contra as jovens assume diversas formas, particularmente descritas no depoimento do jovem G.S.C (20 anos, sexo masculino), que a relaciona aos aspectos sexuais, afetivos e de intimidação por outros jovens.

Para ele, os jovens são mais visados do que as jovens por se envolverem mais

com o tráfico. A violência contra as jovens é mais interna, não tem a ver com morte, mas com agressão, embora destaquemos aqui tal fenômeno.

Em um dos grupos focais, intitulado Pombo Sujo, no entanto, evidenciamos o contrário: as jovens também são alvo da violência que leva à morte, principalmente se elas se relacionam com jovens que estão inseridos em trajetórias de marginalização e tráfico de drogas.

Nas situações de briga e acertos de conta entre os componentes de quadrilhas, quando o jovem procurado não é encontrado, elas podem se tornar vítimas potenciais, chegando a óbito e mesmo sofrendo todo tipo de violência e agressão.

G.S.C (20 anos, sexo masculino) afirmou, como vimos, que as jovens sofrem violência de todo o tipo, mas principalmente a violência sexual e citou o caso de uma delas que foi estuprada duas vezes e apanha constantemente do namorado, sem expressar reação.

Esse tipo de violência contra as jovens é um traço presente em alguns relacionamentos onde ela perde a sua liberdade, pois o parceiro exerce um poder coercitivo que impede o estabelecimento de redes de relacionamento mais amplas, principalmente com outros jovens do sexo oposto, restringindo, deste modo, o trânsito e a dinâmica contextual delas, que se vêem duplamente cerceadas na sua liberdade, quer seja pelas situações do contexto (violência, estupros, intimidações), quer seja pelos seus relacionamentos mais próximos.

R.F. (18 anos, sexo feminino) informou que não tem medo do lugar onde mora e que nunca foi intimidada ou sofreu violência física ali. Relata como os dois únicos eventos relacionados à violência presenciados foram a morte de seu amigo, de 16 anos, e uma cena na qual ela presenciou vários jovens com armas de fogo, o que a fez ter muito medo diante daquela situação.

Por aqui? Eu não. Ninguém mexe e nem nunca mexeu [comigo]. Ainda bem, mas só que teve um dia que eu tava aqui, aí veio uns cara de lá tudo armado, passou por aqui doido. Eu gelei. Eu me tremia. Eles não mexeram, não fizeram nada, mas eu me tremi tanto... que eu pensei que ia morrer do coração (R.F., 18 anos, sexo feminino).

Para as jovens analisadas os relacionamentos afetivos implicam na redução da socialização, imposta pelos namorados, que imprimem um sentido de posse, operando como censores daquilo que elas podem ou não fazer, tendo que delimitar os lugares aonde vão, as pessoas com as quais andam, os amigos, enfim, tudo para satisfazê-los.

Mesmo com todos os avanços historicamente conquistados pela mulher em relação a seus direitos, o domínio afetivo, em alguns momentos, não é modificado por tais conquistas.

O fato de namorar um jovem inserido em uma trajetória no tráfico de drogas

significa ter alguém e submetê-la a um poder de persuasão pessoal, que, numa escala de progressão, pode chegar à violência física, dada a relação de dependência e submissão que se estabelece. É necessário que a jovem seja muito determinada para ultrapassar essa situação e deve ter capacidade de enfrentamento para não deixar-se intimidar pelo parceiro.

Na pesquisa, apareceu a integração das jovens como vítimas e protagonistas de trajetórias de inserção no tráfico de drogas.

## **Os casos: o homicídio das jovens**

Um dos relatos analisados neste estudo foi a história de duas jovens que foram assassinadas por jovens inseridos no tráfico de drogas na periferia.

E o outro caso é o das meninas que acharam os corpos na R. Aquelas duas também andaram comigo, a gente brincava juntas. Uma era S. e a outra era T., eram duas meninas, a gente brincava de tudo que tinha naquela época: pular corda, bater lata, elas andavam sempre lá em casa, a gente brincava de boneca e foi uma coisa assim tão repentina. Elas começaram a crescer e ninguém percebeu como elas começaram a se envolver. Quando foi dar por fim já estavam totalmente envolvidas. As duas usavam drogas e eram mulheres de criminosos, e inclusive dizem que a morte delas duas foi por isso, que a quadrilha rival matou as duas. Levaram elas pra um barraco, na rua F.T., e lá torturaram as duas até a morte, depois pegaram. Amarraram uma corda no pescoço e jogaram lá na R.

Eu fui pro enterro. E uma coisa assim, que quando o caixão chegou não tinha quase ninguém no enterro. Primeiro chegou o caixão de T. Só tava lá a família, a mãe, a irmã, o irmão. E o caixão tava fedendo bastante, fedendo tanto que nem demorou muito lá na capela por causa do mau cheiro, que tava demais. Depois foram chegando outras pessoas. O outro caixão, quando chegou, era da menina mais conhecida lá da rua. Aí ficou aquela agonia: abre o caixão, por causa de gente curiosa, que não tem o que fazer, que vai pro enterro não por causa do sentimento da pessoa, mas pra ver como o corpo estava e abre o caixão, não abre. F (irmão), brigou com todo mundo, ficou logo nervoso. Queriam ver o quê dentro caixão, se já sabiam que ela tinha morrido?. O de T. não abriu, mas o de S. abriram, só que eu não fiquei pra ver, porque do jeito que tavam (sic) relatando que elas estavam e depois de tanto tempo no mar, o fedor que tava, abriram o caixão. Eu não entendo...

Elas tinham 15 e 16 anos. Eram novinhas. Elas cresceram assim de repente, e quando ficaram mocinhas, entraram nessa vida. A mãe dela queria uma foto, porque ela não tinha uma foto da filha, nenhuma, nem 3X4. Ela chorou, chorou, o bairro inteiro se lamentando. Ela também chorava porque a filha dela tinha ido

embora e ela não tinha nada e ela não ia ficar com nada de recordação da filha. Aí elas se mudaram do bairro. Depois, um amigo achou uma foto dela, mas a mãe já tinha ido embora, e era uma foto da catequese, com todo mundo, a galera toda e tem ela sentada em destaque, bem na frente dando risada. A mãe dela ia gostar de ter essa foto. Eu também tenho uma. Mexendo nas minhas coisas eu achei uma foto dela de criança (E. P. S., sexo feminino, 24 anos).

Antes de serem mortas, as duas jovens foram torturadas em um barraco das antigas palafitas da área. Seus corpos foram colocados em um barco e depois jogados na maré, um crime que não foi solucionado.

No relato, a entrevistada afirmou com pesar a dor da mãe de uma das jovens, que não tinha sequer uma foto da filha para lembrar-se dela.

Tempo depois, um jovem, amigo de sua filha, descobriu que existiam fotos dela, mas era tarde demais: a mãe teve que mudar-se e nunca mais voltou ao bairro.

O que chama a atenção neste relato foi o dado novo em relação às jovens, pois tudo indica que elas também estão expostas à violência.

O envolvimento com jovens que estão relacionados ao tráfico e ao crime não pode ser entendido em seu aspecto afetivo, como se elas tivessem uma simples atração ou fascínio por delinquentes. É muito mais que isso.

Algumas outras situações de violência contra as jovens ocorreram também com aquelas que estavam envolvidas em situações de marginalidade e tráfico.

A violência contra os jovens é mais visível por causa da exterioridade dos fatos: mortes, tiroteios, violência física, intimidação, agressão, enfim, uma violência que é realizada no ambiente da rua.

Já contra as jovens se dá no espaço privado, geralmente a casa, onde a maioria das formas de violência (sexual, morte, agressão) acontecem em espaços fechados, como a casa e nas relações afetivas.

Contra os jovens a violência está relacionada ao espaço público, constituindo-se este um fenômeno similar ao identificado por BAUMAN (1999) ou MAFFESOLI (2001) quando se referem às forças da globalização que fazem os jovens transitarem. No espaço da favela, isto é percebido como um fato que coloca em risco as suas vidas.

As jovens não precisam delimitar o seu espaço pelo uso da força. Suas ações estão mais voltadas para outras formas de socialização que se pautam pelos laços afetivos e não pela delimitação territorial.

As jovens não são protagonistas desse tipo de violência gerada pelo uso do espaço, porque com elas acontece, na esfera das relações, a repetição de formas de violência relacionadas à casa e às relações afetivo-sexuais, sendo percebidas como propriedades, cuja posse faz com que os jovens tenham um domínio exacerbado sobre elas, podendo praticar uma violência que muitas vezes se esconde no ambiente

doméstico. Assim, a violência contra as jovens pode não ser tão visualizada, mas existe e cada vez mais está presente nas relações das jovens com seus parceiros.

Para que entendamos um fenômeno, como dizia VALSINER (2006), precisamos analisar não apenas o momento de sua irrupção, mas o da normalidade, que envolve muitas vezes aquilo em que não prestamos a atenção. Ou seja, é necessário perceber que nos movimentos mais corriqueiros do estabelecimento de uma dinâmica, a violência está presente no espaço privado e no âmbito afetivo.

Quando a violência irrompe, ela é a expressão de um continuum ascendente de uma história que tem fatos que tendem a se tornar normais e cuja gravidade pode não ser imediatamente perceptível. Justamente por ser contínua e atualizar-se em pequenos gestos e nos espaços das relações domésticas e afetivas é que a percepção mesma dessa violência torna-se difícil para quem dela é vítima.

A violência contra as jovens é perceptível, socialmente declarada, conforme descreve este depoimento:

Teve um estuprador que pegou a minha ex- namorada lá em P, estuprou e ainda matou. E agora foi o marido de minha prima, namorado, que pegaram e mataram, porque ele era ladrão. Pegaram o irmão dele e ele e mataram, lá em P, no campo. A gente tava num candomblé: eu e ela e meu pai, e meu irmão e minha cunhada e o estuprador tava se escondendo e encarando pra ela. Quando deu doze horas, ela pegou foi embora, eu não quis ir com ela pra comer o caruru. Quando foi de manhã a gente só soube a notícia: ela foi morta. Quando fez um mês pegaram o estuprador e mataram, lá mesmo em P. Eu fiquei muito triste porque perdi a namorada boa e eu saía, gostava. Logo depois disso não deu mais vontade de namorar porque eu fiquei muito sentido e também minha sogra me prometeu que a filha dela ia crescer e ia dar pro meu irmão namorar. Meu irmão quase caçula. E agora ela tá crescendo e minha ex-sogra vem aí e pergunta por meu irmão. Depois disso eu não tive mais relação sexual com ninguém” (A.S.O., 19 anos, sexo masculino).

Essa descrição mostra como as jovens são vítimas da violência relacionada ao aspecto afetivo, e suas repercussões.

### **Continuum de marginalização das jovens**

Para iniciar a discussão tomamos o constructo teórico de trajetória, ou pathways, de CROCKETT (1995) assim atualizado por SANTOS:

“[trajetória] busca indicar o curso de vida dos indivíduos, nos quais ocorrem diferentes eventos desenvolvimentais e as transições que definem mudanças e aquisições de competências pessoais. Nesta pesquisa, a noção de trajetória emerge a partir do estudo de caso (que) permite trabalhar com a ideia de configuração, sendo esta sua grande virtude: o estudo intensivo da configuração de fatores selecionados em um determinado período de tempo (2005, p.63),”

A elaboração teórica da noção de trajetória amplia-se com a ideia de um continuum, que permite mostrar, dentro das trajetórias de desenvolvimento das jovens, a dinâmica e a continuidade de seu percurso inserido nos âmbitos do contexto e das relações nele estabelecidas.

“A trajetória indica o percurso como um todo do indivíduo com início, meio e fim. O continuum tem a ver com ela, porém mostra seu aspecto crescente e como se desenvolve, podendo esse percurso ser dinamicamente descrito em atos. (...) o continuum pode ser identificado como o desenvolvimento dinâmico da trajetória. Diante do evento crítico da violência esses mecanismos se evidenciam e é possível identificar as dinâmicas de uma forma mais ampliada, pois faz irromper forças e percepções que estariam hermeticamente condensadas na profusão do real” (SANTOS, 2008, p.161).

Tomando como exemplo outra situação que envolve as jovens, no caso, aquelas que ingressam em relações com jovens envolvidos no tráfico de drogas, há um processo de crescimento rápido e que muitas vezes não é percebido pelas pessoas do ciclo de relacionamento delas.

É possível que as próprias transformações maturacionais da puberdade dificultem a percepção de que as jovens não são mais crianças e estão cada vez mais precocemente tendo contato com novas experiências, como as afetivas.

Pode não haver nenhum compartilhamento dessas experiências com outras pessoas e mesmo na família, o que favorece, muitas vezes, o envolvimento com marginais, cujos recursos financeiros e simbólicos exercem fascínio e atração sobre as meninas, como o respeito que elas adquirem ao namorá-los, ou mesmo a facilidade de ter dinheiro.

A relação de dependência e submissão estabelecida faz com que elas sejam identificadas aos marginais com os quais se relacionam. Em consequência, danos são trazidos às suas vidas, pois, na impossibilidade de perpetração de violência contra os marginais, serão elas as atingidas. Então, o continuum de envolvimento das jovens envolvidas afetivamente com jovens inseridos em trajetórias relacionadas ao tráfico de drogas se diferencia daquele observado em relação aos jovens do sexo masculino e tem movimentos, que, genealogicamente, seguem os seguintes passos – aqui nomeados atos, parte de um enredo que não é aleatório:

### **1º ato: crescimento acelerado, saída da infância e assunção de novos papéis**

Da infância para a adolescência os processos de desenvolvimento se realizam de forma muito acentuada entre os 11 e os 16 anos, não sendo facilmente perceptíveis pelos pais.

Muitas vezes as jovens já estão assumindo papéis não reconhecidos por

outras pessoas. Assim, quem está acostumado a perceber o desenvolvimento de forma externa não consegue acompanhar as mudanças ocorridas.

Este fenômeno mostra certa invisibilidade diante do desenvolvimento das jovens, alicerçado sobre padrões culturais e de gênero, que ainda permeiam diversos setores da população brasileira, em especial a da periferia analisada, onde ainda “o mundo diário poder marcar a mulher como o centro de todas as rotinas familiares, mas os ritos políticos do poder ressaltam apenas os homens”, como identificou DAMATTA (1987, ano, p.42), embora diversos estudos tenham mostrado a visibilidade e o protagonismo das mulheres nas “novas famílias urbanas” (BASTOS, ALCÂNTARA, SANTOS, 2002), na “visibilidade da condição feminina no Brasil” (CAVALCANTI, 2005) ou ainda nas perspectivas femininas em relação a gênero, cidade e geração (BARROS, 2006).

## **2o ato: início das práticas sexuais e relacionamentos afetivos com jovens inseridos em trajetórias ilícitas, marcadas pelo tráfico de drogas**

Novos papéis se ligam ao início precoce das relações sexuais e do envolvimento afetivo com jovens inseridos em trajetórias ilícitas, marcadas pelo tráfico de drogas. Os relacionamentos afetivos indicam uma mudança nas relações das jovens com as pessoas e com o lugar, pois elas são associadas a eles. Essas mudanças são indicadas pela impossibilidade de envolver-se em vínculos de amizade com outros jovens, por exemplo.

Há um fascínio na percepção desse envolvimento afetivo. É como se eles indicassem uma forma mais arriscada e ao mesmo tempo protetora do que outras relações, isso indicando que há também maior disponibilidade de recursos simbólicos (status) e financeiros.

## **3o ato: envolvimento com jovens inseridos em trajetórias ilícitas, marcadas pelo tráfico de drogas: dependência e submissão**

Neste momento em que há envolvimento com jovens inseridos em trajetórias ilícitas, marcadas pelo tráfico de drogas aparece como característica o fato de que as jovens começam a se submeter a uma lógica de dominação e de cerceamento da liberdade, passando a ser “propriedade” de seus namorados, e essa lógica impede outros relacionamentos porque elas começam a ser associadas à figura do marginal, o que lhes traz riscos e mesmo proteção, relacionando-as, também, às práticas desses jovens.

Assim, se o jovem inserido em trajetórias ilícitas, marcadas pelo tráfico de

drogas é temido, a jovem, por um processo de analogia e correlação, também passa a ser temida e se torna uma *persona non grata* na favela, de modo que pode ser vítima das práticas ilícitas do seu parceiro. Por exemplo, quando ele é perseguido e não é encontrado pode ocorrer que ela venha a ser vitimada.

A submissão indica uma forma de relacionamento onde há o poder e a força como características que a oprimem, sem espaço para a liberdade de ação.

Em relação ao gênero, esse padrão se fez presente por muitos séculos no Brasil, dado o poder e o lugar do homem nas famílias patriarcais, traço ainda existente em todos os estratos sociais, mas que tem se modificado nas últimas décadas.

#### **4o ato: consumo de drogas e mudança de hábitos**

Assumindo características dos jovens inseridos em trajetórias ilícitas, marcadas pelo tráfico de drogas elas começam a envolver-se em práticas realizadas por eles, como a drogadição e mudança de hábitos, pois, a partir do envolvimento, há assunção de novos papéis inseridos pelo tráfico que reconfiguram os aspectos externos delas, que são identificadas com os marginais.

Uso de tatuagens e mesmo a freqüência a espaços onde há o comércio e consumo de drogas como bares e bocas, indicam essas mudanças.

#### **5o ato: violências sofridas: estupros, espancamentos, no âmbito privado**

No âmbito privado ocorrem situações de violência que não são denunciadas devido ao medo implicado na relação.

Muitas vezes há o conhecimento dessas formas de violência, como estupro e os espancamentos aos quais às jovens são submetidas, mas, no âmbito privado há uma espécie de silêncio e não intervenção das pessoas externas à relação, a jovem não tem como se distanciar dessas violências, visto que a própria relação com ele indica que há movimentos tanto de proteção quanto de riscos, que são assumidos por elas.

#### **6o ato: violência: o homicídio**

O outro aspecto desse continuum de envolvimento das jovens com os jovens inseridos em trajetórias ilícitas, marcadas pelo tráfico de drogas é o homicídio, como

no caso aqui analisado de duas jovens que foram mortas por motivos de vingança em relação aos seus parceiros. Com o assassinato, veio posteriormente a desova dos corpos em meio ao mar, com pedras amarradas nos pescoços para que seus corpos não fossem encontrados.

### **7o ato: a morte, o esquecimento: nem uma foto**

Essas trajetórias são marcadas, posteriormente, pelo esquecimento, pois poucos indícios foram deixados pelas jovens. Aqui, o fato da mãe não ter uma foto da filha é emblemático e acentua a falta de registro e do esquecimento de jovens que estão inseridos em trajetórias ilícitas, marcadas pelo tráfico de drogas, como se não tivessem existido, o que se configura como um dos níveis do desterro, conforme logo veremos.

### **8o ato: saída da família do bairro**

Por fim, há uma saída da família do bairro, pois não consegue permanecer no lugar onde ocorreu o homicídio, para manter sua integridade física porque habitar no mesmo bairro indica que não é possível conciliar a lembrança da filha com a presença dos perpetradores que perambulam pelas ruas do bairro. Então, a família precisa sair, para se restabelecer, em outro contexto.

Há também a sensação de vigilância da família, que, inconformada, pode querer denunciar o caso - o que geralmente não acontece por causa das represálias e do conhecimento que os marginais podem ter sobre tais intentos, pois os mesmos têm acesso a informações privilegiadas, por meio de informantes locais. Assim, a família que permanece não tem mais liberdade de trânsito na área onde habita.

Este fenômeno – saída do bairro de origem após o homicídio de jovens -, identificado e denominado de “desterro” tem sido recorrente em nossos estudos sobre a violência (SANTOS e BASTOS, 2005, 2007, 2009; SANTOS, 2005, 2008, 2009); e vem sendo elaborado em três níveis distintos e complementares:

1) Desterro territorial, onde ocorre a desterritorialização, com a saída da família, gerando o desenraizamento, tomado aqui a partir de conceito elaborado por WEIL (2001), não tendo mais a liberdade de transitar pelas ruas e realizar práticas antes possíveis. Ocorre no plano da vida.

2) Desterro relacional, que é um desterro caracterizado pelas instabilidades geradas pelo homicídio, que faz com que a família e os jovens se

tornam (quando não são assassinados), reféns de medos, percepção de vigilância por marginais. Ocorre no plano da vida.

3) Desterro simbólico, que é um desterro caracterizado pelo esquecimento do jovem que foi assassinado, pois o mesmo parece não deixar indícios de sua trajetória. Ocorre no plano post mortem.

**Quadro 5: Níveis de atuação do desterro**

<b>Níveis de atuação do desterro:</b>	<b>Territorial</b>	<b>Relacional</b>	<b>Simbólico</b>
O desterro atua sempre a partir da irrupção da violência, em muitas das suas manifestações: homicídios, brigas, intimidação, rixas etc.	Saída da família do bairro, em caso de homicídio do jovem.	Instabilidades psíquicas geradas pela violência.	Enterro em cemitério sem inscrições lapidares.
	Desenraizamento	Insegurança, medo. Sentimento de vigilância.	Falta de registros do jovem.

## Trajетórias das jovens assassinadas

Nesse estudo, foram analisados os casos de quatro jovens que foram assassinadas por fazerem parte da rede de relacionamento de jovens inseridos em trajetórias de marginalidade e envolvidas com o tráfico.

Reconstituindo a trajetória de vítimas do homicídio, pudemos perceber algumas recorrências, conforme apresentamos sinteticamente no quadro abaixo:

**Quadro 6: Trajetórias das jovens assassinadas**

	<b>Jovem 1(S)</b>	<b>Jovem 2(T)</b>	<b>Jovem 3 (M)</b>	<b>Jovem 4 (B)</b>
<b>Idade</b>	<b>15 anos</b>	<b>16 anos</b>	<b>16 anos</b>	<b>16 anos</b>
Histórico da família	Pessoas sem envolvimento com o tráfico ou posse de armas.	Pessoas sem envolvimento com o tráfico ou posse de armas.	Pessoas envolvidas com drogas e posse de armas	Pessoas envolvidas com drogas e posse de armas
Escola, situação	Abandono da Escola	Abandono da Escola	Abandono da Escola	Abandono da escola
Armas	Não possuía	Não possuía	Não possuía	Não possuía
Assassinos	Um grupo de quatro ou cinco jovens inseridos no tráfico de	Um grupo de quatro ou cinco jovens inseridos no	Jovem inserido no tráfico de drogas. Homem.	Jovem inserido no tráfico de drogas. Homem.

	drogas. Homens	tráfico de drogas Homens.		
Local do assassinato	Um barraco nas Palafitas	Um barraco nas palafitas	Em frente à casa, na rua	Na pista, em uma avenida
Socorro	Não houve	Não houve	Não houve	Não houve.
Companhias na hora da morte	Da outra jovem assassinada	Da outra jovem assassinada	Sozinha	Sozinha
Envolvimento com jovens inseridos no tráfico de drogas	Namorada de um jovem inserido no tráfico de drogas	Namorada de um jovem inserido no tráfico de drogas.	Envolvimento com o tráfico de drogas.	Envolvimento com o tráfico de drogas.
Tipo de arma	Facas e revólver	Faca e revólver	Revólver	Revólver
Enterro	Em cemitério, sem inscrições lapidares	Em cemitério, sem inscrições lapidares	Em cemitério, sem inscrições lapidares	Em cemitério, sem inscrições lapidares

O quadro mostra aspectos que merecem ser sublinhados, como o fato de metade dos casos tinha no histórico familiar o envolvimento com o tráfico, o que pode apontar para uma possibilidade de inserção das jovens em tais redes.

A idade que apresentam no momento do homicídio varia entre 15 e 16 anos, indicando sendo este um período crítico na trajetória de desenvolvimento das jovens, com o advento de novos papéis sociais e particularmente o relacionamento afetivo com jovens inseridos em trajetórias caracterizadas pelo tráfico de drogas.

Outro aspecto que chama a atenção é o abandono da escola em todos os casos, o que mostra a mudança de hábitos reconhecidos como contrários à marginalização.

Em nenhum dos casos houve a possibilidade de socorro por parte de outras pessoas da periferia, o que mostra de forma bem delineada a distância e a separação entre a inserção social e a experiência de envolvimento com o tráfico, já bem delimitada pelos estudos de MACHADO e NORONHA (2002) e ESPINHEIRA (2004) na periferia de Salvador, assim como também foi explicitado por ZALUAR (1985), no Rio de Janeiro.

Duas das jovens assassinadas eram namoradas de jovens inseridos em trajetórias marcadas pelo tráfico de drogas e duas tinham envolvimento com o tráfico. As primeiras foram mortas em um ambiente fechado e aquelas com envolvimento com o tráfico foram mortas na rua, o que mostra as particularidades entre o tráfico e as rixas derivadas dele.

Em todos os casos o homicídio foi perpetrado por jovens do sexo masculino, utilizando armas de fogo e brancas, sendo que os dois primeiros casos tiveram requintes de crueldade.

Após o homicídio todas as jovens foram sepultadas em cemitérios sem inscrições lapidares, indicando a tendência ao esquecimento de suas trajetórias e de suas vidas.

## **Considerações finais**

Os casos analisados neste estudo identificam diversas formas de violência que vitimam as jovens da periferia de Salvador, assim como os mecanismos da exclusão, gerados por estigmas (GOFFMAN, 1988) relacionados ao envolvimento com o tráfico e com os jovens inseridos em trajetórias ilícitas, também marcadas pelo tráfico de drogas.

Do mesmo modo aponta a recorrência dos homicídios em virtude desses envolvimento e mostra como ainda são pouco divulgados os dados referentes às trajetórias de desenvolvimento das jovens, indicando uma invisibilidade (Soares, 2004) diante do crescimento delas e da assunção de novos papéis sociais e relações afetivas.

Em Salvador, nos últimos anos, com o crescente avanço do tráfico de drogas devido à migração devido às ações em Estados do Sudeste, tem havido uma crescente recorrência nos assassinatos de jovens do sexo feminino, quer pelo envolvimento direto no tráfico de drogas ou por causa de seus vínculos com parceiros que pertencem ao tráfico, mostrando que este fenômeno necessita da intervenção de políticas públicas e intervenção educativa e social para que a violência contra elas seja reconhecida como um problema de saúde pública.

Por seu caráter metodológico, tratando-se de uma etnografia com estudo de casos, o nosso estudo se restringiu ao contexto da periferia soteropolitana. Seus resultados somente podem ser extrapolados para outras realidades de forma cautelosa, dado o seu caráter exploratório. São necessários estudos mais abrangentes, a exemplo do que foi realizado por D'OLIVEIRA et. al. (2009), analisando os fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras.

## **Referências bibliográficas**

BARROS, Myriam Lins de. **Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas**. In: Família e gerações. (Org.) BARROS, Myriam Lins de. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 17 – 37.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa; ALCÂNTARA, Miriã Ramos; SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Novas Famílias Urbanas**. In: Infância brasileira e contextos de

desenvolvimento. (Org) CARVALHO, Ana Maria Almeida; LORDELO, Eulina da Rocha; KOLLER, Sílvia Helena. São Paulo: Casa do Psicólogo, Salvador, BA, Edufba, 2002, pp. 99 - 135.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas.** Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BILL, MV; ATHAYDE, Celso. **Falcão: mulheres e o tráfico.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

\_\_\_ . **Falcão: meninos do tráfico.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BOUMARD, Patrick. **O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas.** PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional. Vol. 1. N. 2, Nov/1999. Disponível em <http://www2.ccb/psicologia/revista/texto1v1n22.htm>. Acessado em 26 de setembro de 2008.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **A contramaré da exclusão, pobreza e trabalho: visibilidade da condição feminina no Brasil.** In: Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar. (Org.) PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, pp. 84 – 110.

CROCKETT, Lisa. J. **Developmental Paths in Adolescence: Comentary.** In: CROCKETT, Lisa J.; CROUTER, Ann C. Pathways through adolescence: individual development in relations to social contexts. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

D´OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas et. al. **Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras.** Revista de Saúde Pública. 43 (2), 2009, pp.299 – 310.

ESPINHEIRA, Gey. **Pesquisa: Sociabilidade e violência: criminalidade na vida cotidiana do Subúrbio Ferroviário de Salvador.** ESPINHEIRA, G. (Coord.) Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004.

GHASARIAN, Christian. **Sur lês chemins de l’ethnographie réflexive.**

GHASARIAN, Christian. (dir.) *De l'ethnographie à l'anthropologie réflexive*. Paris: Armand Colin, 2004.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais**. In. BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Editores). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. LTC, Rio de Janeiro, 1988, 4a edição (publicado originalmente em 1963).

JACOBSON, D. **Reading Ethnography**. Albany: State University of New York Press, 1991.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Trad. Marie-Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2000.

—. **La description Ethnographique**. Paris: Armand Colin, 2005.

MACHADO, Eduardo Paes; NORONHA, Ceci Vilar. **A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas**. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, n. 7, jan/jun, 2002, p. 188-221.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Tradução de Marcos de Castro, Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCUS, George. E.; CUSHMAN, Dick. E. **Las etnografias como textos**. In: REYNOSO, C (Ed). *El surgimiento de la antropologia posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 2003, pp. 171-213.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2a ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Travessias: a adolescência em Novos Alagados: trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto de risco psicossocial**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

—. *Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia*. Salvador: EDUFBA, 2008.

—. **Transitions through adolescence in Novos Alagados: reflections on**

**experience report (1995 – 2006).** In: BASTOS, Ana Cecília de Sousa; RABINOVICH, Elaine Pedreira. (Editors). Living in poverty: developmental poetics of cultural realities. Book Series Advances in cultural Psychology. Editor: Jaan Valsiner. Charlotte, NC: IAP, 2009.

SANTOS, José Eduardo Ferreira; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. **Pertencimento e “desterro” na trajetória de adolescentes da favela de Novos Alagados, Salvador, Bahia.** In: CASTRO, Lucia Rebello de; CORREIA, Jane. (Orgs.). Juventude contemporânea: perspectivas internacionais Rio de Janeiro: NAU Editora/ FAPERJ, 2005, pp.253-277.

—. **Repercussões do homicídio entre jovens de periferia da cidade de Salvador.** Oralidades: Revista de História Oral. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ano 1, n.1 (jan.jun.). São Paulo: NEHO, 2007, pp.75 – 94.

—. **O vingador: o jovem como perpetrador - e vítima – da violência de periferia em Salvador, Bahia.** In: RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. V. 8, n. 24, de dezembro de 2009, p. 623 – 646. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/SantosArt.pdf>. Internet. 2009.

SOARES, Luiz Eduardo. **Juventude e violência no Brasil contemporâneo.** In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VALSINER, Jaan. **Comunicação pessoal ao autor no Seminário "Psicologia Cultural e do Desenvolvimento"**, durante a apresentação do paper Relations between microgenesis, mesogenesis and ontogenesis. Salvador, Bahia. 2006.

WEIL, Simone. **O enraizamento.** Tradução: Maria Leonor Loureiro, Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.